

Representação da morte: concepções a partir de experiências de vida de idosas usuárias do PSF

*Representation of death: concepts from the life
experiences of elderly users of PSF*

Márcia Andrea Rodrigues Andrade

RESUMO: As questões sobre a morte têm suscitado grande interesse por parte de distintas áreas da sociedade, como mídia, religião, saúde, economia, demografia e família. Atualmente, a morte é um modelo para pensar a existência humana e os impactos que esse fenômeno causa na vida das pessoas, já que é a única certeza da vida. Em se tratando de envelhecimento, a morte tem destaque, pois há uma estreita relação entre idoso e morte na sociedade. No entanto, na atual conjuntura, tais argumentos não se sustentam como antes, já que a relação ora existente tem se mostrado relativa e bem distinta. No sentido de evidenciar tais concepções, o presente trabalho tem por objetivo abordar a relação existente entre morte e envelhecimento a partir da vivência de três idosas cujo reconhecimento da morte assumiu contornos distintos. A pesquisa foi realizada em 2011 em uma unidade básica de saúde da família situada no município de Bayeux (PB). A metodologia adotada foi a análise de conteúdo a partir dos relatos de experiências das idosas e das entrevistas realizadas com as mesmas. A pesquisa mostrou que, apesar de as idosas partilharem da condição amplamente difundida da melhor idade, a representação, os sentidos e significados acerca da morte passam por momentos distintos, dependendo da história de vida e das experiências dos sujeitos. Os diversos momentos enfatizados pelas idosas dão conta de que a morte pode ser benéfica, encarada como um bom acontecimento, que a morte também promove um novo sentido

para a vida e, por fim, que a atual gestão da velhice ativa tem um elemento para a negação e o afastamento total da morte.

Palavras-chave: Velhice; Morte; Melhor Idade.

ABSTRACT: *Questions about death have sparked great interest in different areas of society such as media, religion, health, economy, demography and family. Currently, death is a model for thinking about human existence and the impacts that this phenomenon causes in people's lives, as it is the only certainty in life. When it comes to old age, death is highlighted, as there is a close relationship between seniors and death in society. However, at this moment, such arguments do not hold up as before, since the relation now existing has been relative and quite distinct. In order to demonstrate these concepts, this paper aims to address the relationship between death and aging using the experiences of three elderly women whose the recognition of death has gained distinct contours. The research was conducted in 2011 at a basic family health center in the municipality of Bayeux (PB). The methodology adopted was the content analysis from the reports of experiences of the elderly women and from the interviews with them. Research has shown that, despite the three women share the condition of old age, the representation and the meanings about death undergo different moments, depending on the life history and the experiences of subjects. The various moments emphasized by the elderly women show that death can be beneficial, seen as a good event, that death also promotes a new meaning to life and, finally, that the current management of active aging has an element for the denial and total removal of death.*

Keywords: *Old Age; Death; Seniors.*

Introdução

A morte é a certeza da vida. Algo contraditório, mas real. A morte é a única certeza que todo e qualquer ser humano tem e sabe que irá acontecer, cedo ou tarde. É este ser humano, único, que tem consciência dessa realidade. Diferentemente dos animais, o homem sabe que a morte é inevitável. Pela visão mais organicista¹, a vida

¹ Também chamada de morte cerebral, quando não há mais funções vitais.

nada mais é que o caminho para a morte, ou seja, já nascemos para um dia morrer. O tempo e a morte são categorias notoriamente imbricadas.

Combinato e Queiroz (2006) complementam essa ideia, informando que da mesma maneira que o nascer, a morte faz parte da vida do sujeito, sendo algo natural do ponto de vista biológico. Entretanto, o indivíduo caracteriza-se não apenas por questões biológicas, mas sociais, e os valores simbólicos imprimem-se às coisas fazendo com que a morte varie no decorrer da história em diferentes culturas. Na cultura moderna, a morte passou a ser sinônimo de fracasso, impotência e vergonha.

Constantemente cercada por tabus, a morte constitui ao longo dos anos motivo de debate na mídia, no capitalismo (economia), na demografia, na religião, na saúde, entre outros. Pensar a morte é de algum modo pensar a existência humana.

De acordo com Schramm (2002), há um tabu ligado à morte, pois, quando a morte se impõe ao ser humano, ela na maioria das vezes se dá na ordem do sofrimento, seja por situações de vulnerabilidade ou por experiências anteriores. Isso pode explicar o porquê de a sociedade contemporânea ter tanta dificuldade em pensar a questão da morte.

Visto de outra forma, a temática da morte tem revelado vastas mudanças históricas, com significação para reflexões aos pesquisadores que se debruçam em estudar a morte com a Tanatologia. Frequentemente, associamos a morte às condições de vida, se a procuramos, se a negamos, se a aceitamos, ou se simplesmente nos tornamos indiferentes frente a ela. Sobre isso, é notável presenciar a grande relação que a morte tem a algumas situações: a de pessoas que entram no mundo das drogas, de pessoas acometidas por doenças graves, por acidentes de diversas formas, e claro, aos idosos, quando a morte neste caso é mais que certa.

Aliando a isso temos o aumento da longevidade humana o que tornou a expectativa de vida mais previsível, de tal forma que a morte mesmo em idades mais avançadas não significa necessariamente o caminho mais rápido para a morte.

Contudo, nada se compara à morte do próximo, de alguém com quem estamos acostumados a conviver durante muitos anos - um filho, um irmão, uma mãe ou um marido. Na literatura é discutida, de maneira mais singular, a aproximação dos idosos com a morte, devido às questões cotidianas que o fenômeno acarreta, como na morte do cônjuge, de amigos de mesma idade, ou com eles mesmos devido ao avanço da idade; estes, os exemplos mais comuns.

Mas, e quando a morte vem para o bem? E se dependendo do caso, a morte pode não ser negada e até vivenciada como algo bom? É interessante pensar que a morte tão negligenciada e negada a todo custo possa ter algo de bom. Quando a morte do outro passa a ser a sua entrada para a vida. Quando se vive com a morte do outro. Quando não se tem mais a morte simbólica. Quando a morte não lembra tristeza e sim alívio? Como encarar a morte pelo lado bom? E finalmente, quando ou como pensar na morte, se garantimos a vida a todo custo, qual o espaço que a morte tem na atual vida dos idosos na contemporaneidade?

O artigo vem, portanto, investigar de que maneira a morte pode refletir diversos significados dependendo da vivência do idoso, ou seja, o objetivo foi averiguar de que modo, a Terceira Idade² enquanto modelo de vida de alguns idosos se posiciona frente à temática da morte, considerando a atual gestão da vida na sociedade contemporânea.

Constatou-se que morte pode ser heterogênea, de acordo com a vivência do idoso ao longo dos anos, questão aliada a seu posicionamento numa sociedade que muda constantemente. A morte tende a ser bastante significativa para entender tanto as relações sociais, como o comportamento do idoso frente a essa nova realidade. A reflexão sobre a morte (mesmo sendo negada) pode trazer benefícios, seja na melhoria da qualidade de vida, na realização de novas atividades e autonomia, no apego à religião, entre outras coisas.

Como a sociedade se relacionou com a morte ao longo dos tempos? Como a morte foi sendo representativa na vida de algumas pessoas? O que a morte tem com relação ao capitalismo? E com a vida dos idosos? Essas e outras perguntas nortearam os tópicos seguintes.

A morte na cultura ocidental: O passado e o presente

Neste tópico irei abordar as mudanças nos aspectos mais relevantes relacionados à morte, sobretudo no que concerne ao viés cultural, desde a Antiguidade aos dias atuais. Entre outras questões, vou dar ênfase à reflexão sobre como a morte foi focada

² Aqui se compreende que a Terceira Idade não pode ser reduzida aos indicadores de prolongamento de vida na sociedade contemporânea. Para maiores esclarecimentos, ler Debert (2004).

numa transição do público para o privado, do coletivo para o individual, da positividade para o negatividade.

Em primeiro lugar, a morte não foi sempre tratada e pensada como se estrutura atualmente, ou seja, várias foram as transformações que se deram ao longo do tempo. Diversos momentos as representações da morte foi se modificando até chegar à noção que temos hoje, ou pelo menos a que parece estar consagrada.

Não quero aqui fazer um debate amplo e extenso a respeito da morte; existem inclusive, áreas específicas que estudam seus conceitos mais particulares. No entanto, considerar que a morte não é estática já garante de alguma forma um modelo explicativo para as condições de vida dos indivíduos, da consciência coletiva, e da vivência dos idosos, a categoria que mais se relaciona com a morte pelo menos em termos de representação social coletiva.

Inicialmente irei contemplar aqui os estudos históricos sobre a morte a partir da Idade Média. Neste período a morte era coletiva, ou seja, compartilhada por todos, no sentido de envolvimento com as situações de morte.

A morte não era recusada (na concepção denotativa) basicamente por dois motivos: era a oportunidade de descanso num sono profundo, quando os mortos poderiam acordar e assim viver eternamente ao lado do criador (Deus) e, em segundo lugar, a morte não era percebida como algo negativo, como a oposição da vida.

Apesar disso, a morte ainda era considerada de maneira intolerante por grupos determinantes, sobretudo, os mais ricos, isso porque a morte sendo coletiva garantia um espaço em que todos seriam contemplados, visto que tanto os ricos como os pobres teriam um fim igual.

Além disso, a morte servia também para propagar a obediência e a cultura religiosa da época. O elemento morte servia para monopolizar as ações dos indivíduos; o resultado de seu fim estaria de acordo com seus comportamentos em vida. As pessoas temiam a punição vinda através da morte, apesar de não negá-la essencialmente; isso acontecia porque havia na época um grande sentimento de culpa, que era difundida pelos religiosos.

Sobre esse aspecto particular, Rodrigues (2011) informa que a morte servia para mostrar aos indivíduos que não havia dissociação entre corpo e alma. A morte de alguém que praticava algum crime, por exemplo, deveria ser duramente punida. Era comum ver corpos queimando no fogo e suas cinzas sendo jogadas ao vento. As pessoas

que tinham vivido sem cometer as heresias da época tinham seus corpos enterrados em locais próximos das igrejas, dentro dela para os ricos, e ao lado para os pobres, mas todos independentemente da classe social tinham a certeza de seu lugar ao céu.

Naquela época, não era a morte de fato que estava em jogo e sim a passagem para outro mundo. Um mundo dos mortos. Isso de certa forma não é uma negação explícita, mas a indicação de que viver é sempre algo almejado, mesmo depois da morte. Se há a passagem para outro mundo, é porque certamente é possível, mesmo após a morte, viver.

Ao longo dos anos, estudos versavam sobre a capacidade de entender o significado da morte, tanto em termos religiosos, quanto científicos. Hoje, na era capitalista, a negação da morte é o que paira no ar, às vezes aceitável em alguns casos, mas na maioria deles intolerável. O enfraquecimento da morte na Idade Média foi construído a partir da passagem do coletivo para individual, tendo uma transição significativa do público para o privado. Voltamos ao que havia sido postulado na introdução: a morte tem um quê de ambiguidade.

Segundo Rodrigues (2011), vários seguimentos da morte dão conta de sua individualidade. O sepulcro não é mais coletivo, é um lugar único. Velar o corpo morto não é mais algo visto com antigamente, quando várias pessoas seguiam em procissão até o sepultamento; hoje temos um lugar para poucas pessoas. Do ponto de vista sentimental, a morte passa a ser importante apenas às pessoas mais próximas do morto, e alguns poucos parentes que com ele conviviam. E nisso o capitalismo se viu num jogo de possibilidades e alcance de lucro; o ritual de morte foi sendo alocado ao interesse do capitalismo.

No entanto, a morte em nada se solidifica na individualidade, pois sua essência é coletiva, todos caminham para um só fim, que ocorreu na Idade Média e que ocorre atualmente.

E como podemos entender todo esse dilema e fazer uma reflexão a partir da vivência do idoso? Será que a morte é algo bom como visto antigamente, na Idade Média, ou como algo a ser negado veementemente nos dias atuais? Em que estágios da vida, essa convicção se torna preponderante? Podemos viver sem nos importar com o que nos acontecerá, se o fim é certo para todos? Essas e demais questões, que permeiam a temática da morte, servem de reflexão para situar o leitor da realidade ambígua do tema e sua relação com o envelhecimento.

A morte e a Terceira Idade no contexto contemporâneo: uma relação possível?

Certamente o estágio da vida em que a morte se torna uma questão crucial a ser pensada é a velhice, tanto no que diz respeito à proximidade da morte em termos de temporalidade, quanto em termos de representação social. A negação da morte passa a ser um ponto-chave que está sendo colocado como respaldo crucial para as determinações do gerenciamento da vida na melhor idade. Partindo desse ponto, isso leva a crer, então, que a maioria dos idosos se importa com as questões que diz respeito à morte.

O que determina essa relação não é a maneira como se pensa a morte, mas como ela se relaciona a partir de nossas concepções sobre a vida. Para esclarecer esse ponto, Kovács (como citada em Oliveira, Pedrosa & Santos, 2009), afirma que a morte pode ser entendida e interpretada de acordo com a trajetória das fases de vida de um indivíduo. Na infância, é vista como reversível, e escondê-la da criança é a melhor coisa a se fazer. Na adolescência, a morte é algo distante. Na vida adulta, a morte passa a ser uma possibilidade e divide espaço com os compromissos e responsabilidades da vida. E por fim, tem-se a fase mais crucial, a velhice, momento a que a morte passa a ser amplamente vinculada, e por vários motivos. O idoso, uma vez que viveu muito, tende a esperar a morte chegar; é algo inquestionável a morte neste sentido: o da morte física, a do corpo.

Mas também se percebe a morte em vida, ou a morte simbólica: a perda do trabalho em que se faz sentir a improdutividade, o asilamento e solidão, as idas ao ambiente hospitalar, a utilização de remédios, as doenças que começam a aparecer, entre outros aspectos.

De acordo com Baldin e Fortes (como citados em Goldin, 2002, p.45) o envelhecimento tem características peculiares, bem diferentes de outras fases da vida que fazem com que ocorra essa relação próxima com a morte:

Com o aumento dos anos de vida, a finitude é inevitável, o que se torna mais contundente com a chegada da velhice e é reforçada pela perda de pessoas próximas, como familiares, amigos.

De acordo com Debert (2004), não devemos dissociar a velhice da morte. Contudo, essa dissociação tem sido possível na medida em que envolvemos um conjunto de práticas, organizações, crenças, emoções; há outros elementos que se juntam nesta complexidade.

Com a nova imagem do envelhecimento que oferece uma maneira gratificante de viver a velhice, pelas formas de consumo, e atividades prazerosas e joviais, o distanciamento das questões envolvendo a morte é permitido e cogitar a possibilidade de morrer torna-se inaceitável.

Segundo Debert e Neri (1999), é o envelhecimento bem-sucedido que deve ser alcançado, vinculado a três concepções, sendo a primeira delas a afirmação de um potencial biopsicossocial adequado ao grupo etário ao qual o idoso está inserido para alcance de bem-estar geral, associação do funcionamento do velho com o jovem de modo que ambos sigam próximos em termos de desempenho, mecanismos de desenvolvimento de compensação para a velhice.

Logo, o conceito de melhor idade, implica o desenvolvimento de um idoso autônomo, ativo, responsável por seus atos e condutas e de certa forma livre de doenças e livre da morte.

Então, se o capitalismo já se envolveu com as questões envolvendo a morte, o que dizer da Melhor Idade? Aqui cabe ressaltar o importante símbolo que esse novo conceito tem na vida dos idosos e que já condiciona seus efeitos na representação sobre a morte e o morrer.

Material e Métodos

O presente estudo é parte de uma pesquisa mais ampla desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Trata-se de um estudo de natureza socioantropológica com foco na metodologia qualitativa de análise dos dados.

A pesquisa foi realizada com três idosas³ do sexo feminino, usuárias da Unidade Básica Saúde da Família Mirante⁴. Este PSF localiza-se no município de Bayeux (PB), região metropolitana da capital do estado do Ceará, João Pessoa.

Inicialmente foi feito um contato com as idosas por meio dos Agentes de Saúde da UBSF Mirante; de um grupo maior foram escolhidas as três idosas cujas verbalizações se relacionaram com a temática. As entrevistas com as idosas ocorreram em suas residências. Todas as idosas aceitaram fazer a pesquisa voluntariamente e tiveram acesso às informações sobre o tipo de estudo, bem como o sigilo ético das informações colhidas.

No roteiro de entrevistas foi construída uma sequência com perguntas semi-estruturadas, com questões que versam sobre as vivências e representações da velhice na atual gestão da terceira idade, para que, a partir de então, fosse possível entender qual a relação que se estabelece entre velhice e morte.

As entrevistas foram conduzidas individualmente, utilizando recursos de gravação (aparelho de MP3) no intuito de coletar as falas das idosas. A transcrição total das falas foi feita no diário de campo e em seguida se adotou a análise dos dados.

Resultados

A partir das respostas das informantes, foi possível constatar três variáveis que serviram de base para as análises acerca da relação da questão da morte e o envelhecimento (Melhor Idade). As variáveis foram as seguintes: Morte e viuvez como sinônimo de libertação, a morte e valorização da vida, Melhor Idade e Qualidade de Vida como negação da morte.

Essas variáveis influenciaram na concepção diferenciada com que cada idosa encara a questão da morte em sua vida, quer seja de maneira atual (condição presente), ou levando em consideração os diversos momentos passados em vida.

A primeira idosa a ser entrevistada foi Jacira⁵. Esta idosa tem 63 anos, é viúva há cinco anos (o marido morreu vítima de câncer na próstata), aposentada, mãe de três filhos, sendo duas mulheres e um homem. Atualmente vive sozinha, pois todos os seus

³ Esta amostra faz parte do grupo de oito idosos entrevistados para a pesquisa do mestrado.

⁴ Nome fictício para preservação dos entrevistados.

⁵ Os nomes foram modificados para garantir o anonimato das entrevistadas.

filhos são casados, muito embora tenha a visita deles constantemente. Apresenta doença crônica (hipertensão), fazendo uso de medicação. Está namorando um idoso de 70 anos, que disse ter conhecido na igreja de seu bairro, há dois anos. A relação é tumultuada com idas e vindas.

Ao revelar sua história de vida, e quando mencionada sobre sua relação com a morte, a idosa diz que não tem medo de morrer. Sobre a morte de seu marido, disse ter sentido alívio com o ocorrido, sendo sua representação bastante substancial, à medida que reflete a morte como uma coisa que pode até certo ponto, trazer coisas boas.

Essa atitude específica ocorre porque a idosa, quando era casada, sofria ao lado de seu marido. Dentre outras coisas, ele não a deixava estudar, nem sair para trabalhar, sendo a hierarquia e submissão constantes no cotidiano. Sua vida se resumia a cuidar dos filhos e da casa. Além disso, a queixa ao ex-marido, é, segundo ela, por ter sido via de regra tratada com grosseria e brutalidade.

Um dos momentos em que Jacira expõe essa relação situa-se no fragmento a seguir:

Entrevistadora: *Depois que seu marido morreu a senhora ficou triste?*

Jacira: *Não, não fiquei triste não. Foi até bom [a morte do marido]. Mas a gente não esquece ligeiro. Depois dele eu arrumei aquele [namorado] de quem eu lhe falei.*

Afirma ainda que a única alegria que teve no casamento foi quando do nascimento dos filhos. E que agora, na condição de viúva, pode fazer o que quiser. Lamenta não ter condições de estudar, devido à idade. No entanto, mesmo com outro relacionamento, a liberdade e a autonomia são as coisas que mais ela preserva em sua vida de viúva. Atualmente faz parte do grupo de idosas da Igreja perto de sua casa, vai à feira, e conclui com os seguintes dizeres: “Eu faço tudo e não devo nada a ninguém”.

Foi constatado, a partir da entrevista com Jacira, que a vivência da morte do cônjuge na velhice, refletida na libertação do casamento, surtiu efeitos benéficos em sua vida. Tendo sua vida totalmente condicionada a cuidar dos filhos e da casa, sem ter autonomia e liberdade para fazer e realizar seus desejos, algumas mulheres, no auge de sua melhor idade, afirmam sem pudor que a morte lhes fez bem, mesmo sendo a morte do outro cônjuge que esteja em jogo.

Ainda com relação a esta questão, Rubio, Wanderley e Ventura (2011), colocam que a sensação de liberdade adquirida das idosas certamente ocorre pós-morte do cônjuge, sendo mais sentida naquelas mulheres em cujo casamento sofriam maus-tratos dos maridos e, por isso, vivenciavam um isolamento social. Nesse tipo de relação, a mulher era submissa ao marido, sendo responsável apenas pelo cuidado do lar e dos filhos. A morte, neste caso, é invariavelmente almejada, que pode ser tanto a própria morte como a do cônjuge.

As mulheres, na posição de viúvas, e gozando da desejada liberdade, atravessam, assim, a fase do luto e da perda, sentindo-se no dever de retomar suas vidas, seja vivendo na condição de viúvas ou na busca de um parceiro. A vida nesse sentido serve de condição para a realização de atividades, de sentimento de felicidade na libertação do casamento e morte do outro, com na perspectiva de que viver (e viver bem) é a melhor coisa para “espantar” a morte. O valor da vida e a negação da morte firmam uma nova fase que passa a ser vivenciada por essas idosas.

A segunda informante é Clotilde, 65 anos, casada há 35 anos, mãe de três filhos, dois homens e uma mulher. Já é aposentada há alguns anos por invalidez, tendo sempre trabalhado com costura de roupas em casa e também em fábricas, muito embora, depois de uma doença grave, tivesse que abdicar do exercício da profissão. Um câncer no estômago, muito agressivo, a fez aderir à religião protestante, como forma de luta e fé para alcançar a cura, bem como ganhasse uma razão para dar mais valor à vida. Em seu relato, é clara a lembrança de ter escapado da morte:

Entrevistadora: *O que aconteceu quando a senhora teve o câncer?*

Clotilde: *Ah, teve gente que achava que eu não iria escapar. Até o médico da perícia disse que eu não escapava.*

Entrevistadora: *E depois que a senhora “escapou”, o que mudou na sua vida?*

Clotilde: *Eu estou indo mais à igreja e vivendo melhor minha vida. Eu sei que não é do jeito de antigamente, mas Deus tem me dado muita força para viver.*

Neste fragmento, podemos perceber que Clotilde passou a ter mais “apego” à religiosidade depois da doença e a ver a vida, ou vivenciá-la, de outra forma, de uma

maneira melhor. A morte nesse sentido teve um significado diferente do que ocorreu com Jacira. A vivência de ter estado próximo da morte, por assim dizer, condicionou a idosa a ter outros hábitos de vida (neste caso os alimentares), outras relações sociais e comportamentos que antes não tinha.

Podemos ainda perceber que as questões que se referem à morte geralmente não vem desacompanhadas. No caso de Jacira, veio aliada ao casamento e, no caso de Clotilde, com a doença. A presença da morte, para Clotilde, reflete uma tendência que ocorre não apenas nos idosos, mas também em outras faixas etárias como a dos jovens.

A última entrevistada é Matilde, idosa de 68 anos com apenas um filho, casada, e praticante de esportes, sendo seu esporte favorito, o ciclismo. A idosa frequenta constantemente a UBSF Mirante para pegar os medicamentos de seu marido e marcar exames quando necessário. Raramente está no posto para receber algum tratamento. Ela também comparece quando ocorrem as campanhas de vacinação e palestras sobre assuntos relacionados à qualidade de vida.

Matilde pratica esportes há vários anos, diz ter uma alimentação saudável, que participa de grupos de idosos, quando se reúne para fazer trabalhos manuais e dançar, ainda fazendo parte do centro comunitário do bairro. Não costuma dizer a idade a todos que lhe perguntam e sempre está bem-vestida e arrumada, mesmo quando anda de bicicleta. Afirma ainda ser muito feliz com seu corpo e com a vida que leva.

Matilde é aquela idosa típica da melhor idade; com base no que foi exposto acima, a partir do momento em que o idoso tem mais autonomia sobre sua vida, esses indivíduos procuram atividades físicas que lhe deem prazer, entram mais efetivamente no mercado de consumo e turismo, mesmo aqueles que se aposentam com um salário mínimo; há ainda os que realizam algum tipo de trabalho pós-aposentadoria. Logo, o potencial para pensar a morte diminui drasticamente, a ponto de, no caso de Matilde, ocultar a própria idade.

O apego às atividades que realiza é tão grande que a simples menção da palavra morte deixa Matilde um pouco irritada. Ao perguntar qual o entendimento que a idosa tem sobre a morte foi obtida a seguinte afirmação:

Para que pensar em morte? Eu não penso, não, minha filha, eu sou muito feliz com meu corpo, sabe. Eu brinco, eu danço, eu faço exercício. A morte é para quem já está acomodado, eu não estou não.

Para Matilde o distanciamento da morte é reforçado pela sua condição física, de idosa que não está acamada ou acomodada, evidenciada pela prática de esportes, e a referência ao corpo. Matilde não é portadora de doenças crônicas e isso pode ser considerado na análise de sua fala e na exposição de estar bem com o que corpo que possui.

Segundo Araújo *et al.* (2009), Matilde expõe um receio da morte que corresponde a duas modalidades distintas desse acontecimento. A primeira é a morte pessoal, e a segunda, a morte vicária (morte dos outros). No caso de Matilde, tem-se o medo da morte pessoal, pois nela o indivíduo se percebe em estado de pleno sofrimento, ou seja, com a possibilidade de padecer em aflição física, sendo a morte um evento extremamente aversivo.

Sabemos que o modo como os indivíduos se portam perante a morte depende das concepções e crenças a esse respeito da sociedade em que estão inseridos. Há várias formas de se lidar com a morte. Como já foi mencionado, os indivíduos podem encobrir a ideia de morte, através de a religião encarar como uma crença na imortalidade, ou ao contrário, condicionar a vida diante da realidade de que se vai morrer de fato.

Para Elias (2001), atualmente existem duas tendências relacionadas à morte, que são a crença na imortalidade e o afastamento da ideia de morte.

O afastamento da morte evidenciado por Matilde também é resultado da percepção que o sujeito tem em comparação com a vida de outros idosos. Matilde expõe em sua fala que a morte não está próxima dela, porque sua vida é muito diferente da de outros idosos acomodados e que deixam a vida passar, na maioria das vezes à espera da morte.

Nesses termos, Debert (2004) chama a atenção para uma nova normatividade que está imposta e não menos compartilhada. Algumas características como, por exemplo, a boa aparência, o condicionamento físico, o relacionamento sexual ativo, deixam de ser qualidades ou condições físicas (apesar de os fatores biológicos terem sua parcela de contribuição na forma de viver a velhice), para se transformarem em algo a ser conquistado a partir do esforço de cada um.

Logo, nessa nova vivência de jovialidade, a morte não tem espaço. O passo que o capitalismo encontrou na relação com a melhor idade foi justamente tentar distanciar a

morte, não apenas na sua negação, mas pela consolidação de meios que garantam sua legitimidade. Se a morte na juventude não é pensada, a partir dos programas para a melhor idade, e com todo o aparato resultante desse contexto, percebeu-se que o viés pode e deve ser incorporado a esta nova categoria que emerge: a da melhor idade. Com isso, a morte estaria estritamente articulada, não à vida de qualquer indivíduo com idade acima de 60 anos, mas apenas nos idosos que não têm uma vida ativa e que não gerenciam essa vida.

Considerações Finais

Ao trabalhar inicialmente com o percurso histórico da morte, cuja construção se fez no intuito de confrontar aspectos relevantes para análise das mudanças ocorridas na sociedade, a sensação que temos é de que a morte de alguma forma faz parte da construção social do indivíduo em qualquer geração.

Este modelo de abordagem se adéqua aos campos de pesquisa socioantropológica e da sociologia da sociedade, bem como do campo da gerontologia social; os efeitos desse tipo de abordagem esbarram no discurso das idosas através de suas vivências e o sentido que a morte tem em suas vidas. As vivências estão na ordem dos estilos de vida, do comportamento e dos momentos vivenciados por essas idosas ao longo dos anos.

Sabendo que a velhice não é homogênea, a morte neste segmento também não pode ser considerada como tal. Ela é, antes de tudo, parte da vida e, diante do que ficou evidenciado, a questão da morte surtiu efeitos particulares e pôde dar algum significado para a vida das idosas consultadas.

A pesquisa constatou que, em diferentes casos, a representação da morte levantou dúvidas, incentivou a viver de uma forma diferente, com autonomia, com apego à religiosidade, com melhoria da qualidade de vida entre outras situações. A certeza de que a morte irá chegar, pode até ser certa, mas enquanto ela não chega, as idosas podem viver da melhor forma possível.

O reconhecimento da morte foi evidenciado pelas idosas a partir de três modelos: que a morte do “outro” pode ser benéfica, valorização da vida a partir da aproximação da morte, negação da morte a partir do estilo e qualidade de vida de uma

pessoa. Neste aspecto, a “Melhor Idade” afirma um afastamento da morte e consolida modelos centrais do gerenciamento de vida dos idosos. Aliados a isso, temos os aspectos inerentes à realidade social contemporânea que completam esse “afastamento” com a negação da morte. Percebe-se, então, que se uma idosa está na “Melhor Idade”, vários motivos são aflorados para a consolidação e o gozo de uma boa saúde.

Logo, a cultura divulgada de que idoso está fadado à morte não se sustenta mais; o idoso neste caso é tido com um sujeito que, como qualquer outro indivíduo, busca a vida a todo o custo. Em uma sociedade capitalista que cultua o jovem e o belo, o idoso tende a cada vez se distanciar da morte, e a tê-la como referencial para viver cada vez mais e, sobretudo, de forma melhor.

Referências

- Andrade, M.A.R. (2013). A Moral Religiosa e a Sexualidade sobre a Égide na Neutralidade Profissional Provisória. In: Escarião, G.N.D. et al. (Org.). *Globalização, Diversidade e Religiosidade*. (2ª ed.). João Pessoa (PB): Editora Universitária.
- Ariès, P. (2003). *História da Morte no Ocidente*. Rio de Janeiro (RJ): Ediouro.
- Araújo, L.P. et al. (2009). Medo à morte e ao morrer em idosas institucionalizadas e não – institucionalizadas. *Revista Maringá*, 31(2), 213-218.
- Baldin, C.B. & Fortes, V.L.F. (2008). Viuvez Feminina: a fala de um grupo de idosas. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, 5(1), 43-54.
- Becker, E. (2007). *A Negação da Morte*. Rio de Janeiro (RJ): Record.
- Combinato, D.S. & Queiroz, M.S. (2006). Morte: uma visão psicossocial. *Estudos de Psicologia*, 11(2), 209-216.
- Debert, G.G. & Neri, A.L. (1999). *Velhice e Sociedade*. Campinas (SP): Papyrus.
- Debert, G.G. (2004). *A Reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento*. São Paulo (SP): Edusp.
- Elias, N. (2001). *A Solidão dos Moribundos*. Rio de Janeiro (RJ): Zahar.
- Lins de Barros, M.M. (2011). A Velhice na pesquisa socioantropológica brasileira. In: Goldenberg, M. *Corpo, Envelhecimento e Felicidade*. Rio de Janeiro (RJ): Civilização Brasileira.
- Oliveira, S.C.F., Pedrosa, M.I. & Santos, M.F.S. (2004). Quem está mais próximo da morte? Percepção dos idosos sobre que faixa etária se associa mais à morte. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, 1(1), 146-152.
- Rodrigues, J.C. (2011). Imagens e Significados da morte no Ocidente. In: Goldenberg, M. *Corpo, Envelhecimento e Felicidade*. Rio de Janeiro (RJ): Civilização Brasileira.

Rubio, M.E., Wanderley, K.S. & Ventura, M.M. (2011). A Viuvez: A representação da morte na visão masculina e feminina. *Revista Kairós Gerontologia*, 14(1), 137-147. São Paulo (SP): FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP. Recuperado em 02 julho, 2012, de: <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/6932>.

Schramm, F.R. (2002). Morte e Finitude em nossa sociedade: implicações no ensino dos cuidados paliativos. *Revista Brasileira de Cancerologia*, 48(1), 17-20.

Recebido em 02/08/2012

Aceito em 20/08/2012

Márcia Andréa Rodrigues Andrade – Licenciada em Pedagogia e Bacharel em Enfermagem. Mestre em Sociologia pela UFPB. Atualmente cursa Doutorado em Sociologia na Universidade Federal de Goiás (UFG), com o foco de pesquisa em envelhecimento, gênero e AIDS.

E-mail: marcia_dearodrigues@hotmail.com